

## APRENDER: UMA BUSCA PERMANENTE

O presente texto traduz um rápido traçado sobre o princípio da minha caminhada escolar, focando especialmente a busca contínua da aprendizagem, que se desenvolve, cria e recria-se no espaço da sala de aula. Ilustro, principalmente, a condição do sujeito que se encontra na busca permanente do aprender.

A história escolar, bem como a história de vida de uma pessoa, é geralmente constituída de acontecimentos que marcam e determinam a construção gradativa de sua identidade individual e profissional, identificando seus valores, forma de pensar e agir, que a diferem como ser histórico.

Nas salas de aula das escolas por onde passei, num universo de realidades diversas, produziram-se episódios que colaboraram, fundamentalmente, com a formação do meu ser histórico-crítico, social, político e humano. Isso se aproxima do que pensa Moraes (1988, p.8), quando assinala:

A sala de aula: eis uma realidade que contém muitas realidades. Talvez esteja enganado aquele que imagina estar claro para os educadores e professores o sentido desta coisa com o qual lidam todos os dias: a sala de aula. Esta pode ser pensada em termos do que é, bem como em termos do que deve ser. Espaço político portador de uma história? Espaço mágico de encontros humanos? Lugar no qual tantos escamoteiam com belas palavras os duros conflitos vividos por um tempo? Espaço no qual se cumpre um jogo sutil das seduções afetivas ou endotrínadoras? Ou muitas dessas outras coisas juntas? Enfim: que lugar é esse, a sala de aula?

Escolhi Moraes para iniciar este estudo, no sentido de frisar que esta produção só foi possível a partir dos reflexos das salas de aula por onde passei, das várias realidades que ali me fizeram, colaborando na construção de minha formação cidadã.

O início da minha escolarização, que determino até o final do ensino básico, nada tem de excepcional, nem de secundário. Porém é marcado por singularidades que valem a pena registrar neste texto. Com apenas quatro anos, em 1973, mesmo sem idade adequada, na condição de ouvinte, comecei junto com minha irmã a frequentar a sala de aula no Colégio Municipal de Itambé – PE, hoje Colégio Municipal Professor Nivaldo Xavier de

Araújo. Nesse contexto, descrevo, na distância de hoje, os primeiros passos da minha escolaridade, da minha aceção dos acontecimentos e de como me sentia no espaço da sala de aula na circunstância de minha infância.

Lembro-me do cenário, no qual minha tia Bibi tentava me deixar na sala de aula, meu olhar voltado para a porta, na busca constante de sua imagem fixa naquele lugar, que ora estava na paisagem, ora desaparecia. Ela representava para mim um porto seguro, sem o qual caía no desespero profundo e inconsolável dentro daquele contexto escolar, ainda tão novo e desconhecido. Não fiquei muito tempo e, só no ano seguinte, consegui efetivamente me matricular e permanecer na escola.

Em 1974, aos cinco anos de idade, fui matriculada no Grupo Escolar Arruda Câmara – hoje Escola de 1º e 2º Graus Arruda Câmara –, de modo a percorrer toda a primeira fase do ensino fundamental. Lembro-me, de forma marcante, daquela primeira série, da falta de proximidade da professora, percebia, mesmo como criança, que ela dirigia sua atenção a outras crianças da turma, essa era minha ingênua e infantil aceção naquele tempo, numa prática educativa que hoje classifico como não dialógica, não afetiva e discriminatória, ao menos no que se referia a maioria da turma. Como descreve Carlota Boto<sup>1</sup> (In HANNOUN, 1998):

O educador apropria-se do mundo da cultura de um modo todo seu; esse recorte cultural deverá ser transmitido ao educando que, ao se apropriar, também ao seu modo, de conteúdos culturais que lhe são apresentados, reconstrói esse legado. *Mas além de tudo, educar é também trabalhar com valores: há valores perversos e há valores generosos. Caberá ao educador escolher a quais valores aderir; caberá ao educador também apostar na dimensão ética do seu ato de educar* (Grifo Nosso).

Nessa direção, os valores éticos que envolvem, além de outros aspectos, o respeito ao outro, o acolhimento, o diálogo, a afetividade estavam ali, naquele ambiente de sala de aula, ausentes. Esses valores, categorias fundamentais no espaço de aprendizagem escolar, sugerem ações pedagógicas de relações, de convivência própria da condição humana, propondo uma práxis permanente de valorização, harmonia e amorosidade. Para Freire (2011, p.55) “é fundamental, contudo, partirmos do homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser ente de relações que é”. Deve-se entender, contudo,

---

<sup>1</sup> Prefácio à edição brasileira.

que as pessoas não são apenas seres de comunicação, mas de relação com o outro e com o mundo.

Nesse período, me sentia sem motivação, sem interesse. Somado, ainda, a isso, faltei muitas aulas; fui acometida de algumas doenças – como sarampo, caxumba, hepatite –, atrapalhando meu rendimento nessa 1ª série, período de plena alfabetização. Porém, mesmo com todas as dificuldades, fui aprovada. Todavia a professora, agora numa postura ética, aconselhou minha mãe a me colocar novamente na mesma série, afirmando que eu poderia me desenvolver mais, se assim o fizesse.

Dessa forma, aos seis anos, em 1975, repetindo a 1ª série numa outra turma e com uma outra professora, tudo parecia novo. A nova professora era brilhante, numa prática dinâmica e extrovertida; sempre nos desafiava a aprender. Eu me percebia aprendendo e desejando aprender mais; aprender a escrever, a ler, a compreender. Tudo isso envolto de muita alegria, encantamento e descobertas. Lembro-me, ainda, quando no recreio, sob os raios do sol, a professora brincava conosco de roda, cantando e dançando, numa ciranda afetiva, amorosa e, sobretudo, humana naquele ambiente escolar da década de 70. Como bem assinala Novaski (MORAIS, 1988, p.13 - 14),

[...] muitas vezes temos que deixar de lado todo tipo de abordagem técnico-científica e, desarmados, estar simplesmente com o outro. Lamentavelmente percebe-se quão contraproducente é a escola que, por mecanismos os mais diferentes, afastam as pessoas das pessoas, isto é, está conseguindo objetivos opostos àquelas segundo os quais deveria ser erigida, trazendo para o cotidiano, fora da escola, sequelas de difícil absorção.

À luz dessa reflexão, vale ressaltar que, na sala de aula, os estudantes percebem, nas ações dos professores e das professoras, o cuidado, a paciência, o afago, o comprometimento com eles – como também o contrário –, respondendo a isso numa relação de empatia, formando conexões afetuosas intensas que resultam em aprendizagens mais significativas. Gazoli (LEITE, 2013, p.106 -107) assinala:

Esta mediação marcadamente afetiva, com um caráter significativamente positivo, influencia diretamente a relação que a professora estabelece entre os alunos e os objetos do conhecimento. Os alunos assumem a professora como alguém que “quer o melhor da gente” (S3), passando a valorizar positivamente os conteúdos envolvidos. Pode-se afirmar que a qualidade afetiva da mediação das professoras, nas atividades

pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, permitiu a constituição de uma relação positiva dos alunos com os conteúdos de ensino.

Sobre a importância da afetividade em sala de aula a autora ressalta ainda que “[...]muitas vezes, observando as posturas, os olhares, a qualidade dos gestos e a entonação na fala, foi possível inferir estados afetivos internos, intimamente ligados ao funcionamento dos processos cognitivos” (GAZOLI, In LEITE, 2013, p. 109) do educando, sendo possível alcançar resultados positivos na aprendizagem e interferir, concretamente, na formação de uma concepção mais crítica e libertadora.

Da segunda 1ª série até a 4ª, tive professoras excepcionais. Professoras com muita disciplina mas, especialmente, com uma prática educacional que demonstrava um propósito especial: estimular nossa aprendizagem. Lembro-me da preocupação e da “exigência” em relação ao horário de chegada, à tabuada na ponta da língua, à escrita, à leitura, ao entendimento do que estava sendo explicado, à tarefa para casa, à palavra direcionada a cada um. Mesmo diante de uma prática tradicional, o aprendizado desse período e o exemplo das minhas professoras fizeram-me notar, desde cedo, a importância do fazer pedagógico inteligente e responsável no processo do ensinar e do aprender.

Com essas reflexões, acerca desses primeiros anos de escolaridade, hoje identifico as professoras do chamado antigo primário como referência. Elas exerciam uma prática educativa que visava à aprendizagem do estudante na escola e na vida, estimulando-o no gosto de aprender, reforçando o que afirmava Rubem Alves, para ele o saber precisa ter sabor. O saber em harmonia com o sabor permite saborear os conhecimentos, provoca o desejo de experimentar novos saberes, evoca maior anseio de aprender. Nesse sentido, a aprendizagem assemelha-se com o que advoga Freire, citado por Moraes (1988, p.95): “os atos de conhecer são momentos muito vivos. Como comer, como dormir, e buscar o *conhecer* é praticar a vida, exercê-la, com ela perpassando os sentidos, os pensamentos e os afetos”.

Terminada a primeira etapa de minha vida escolar, em 1979 ingressei no Ensino Fundamental 2ª fase, retornando ao Colégio Municipal de Itambé. Esse novo período, inicialmente, foi marcado por algumas inquietações e angústias. A insegurança tomava conta de mim, eram tantos professores e professoras, tantas disciplinas, que os desafios

pareciam insuperáveis. Contudo, com os bons resultados que ia conquistando, tudo foi sendo, gradativamente, superado.

Vale ressaltar, ainda nesse período, que alguns professores deixavam muito a desejar com seus cadernos de décadas, amarelados, usando-os cotidianamente como uma cartilha a seguir. Sem ela, não sabiam conduzir suas aulas. Eles demonstravam, com isso, uma falta de compromisso com o processo do ensinar e do aprender. Esse entendimento ficava bem claro para todos da sala, através do encontro de nossos olhares, naqueles momentos de aula. Freire (2002, p. 56) lembra que “O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça, para estar à altura de sua tarefa não tem força moral, para coordenar as atividades de sua classe. [...] O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor”. Isto é, a autoridade se constrói a partir do respeito mútuo, da confiança, da esperança na relação estabelecida entre mestres e aprendizes.

Em 1982, iniciei o Magistério, hoje Ensino Médio Normal. Entendi, nessa etapa, que o magistério não seria apenas uma herança de meus pais, mas uma verdadeira preparação para minha carreira profissional. Sentia muito prazer no que fazia, especialmente nos estágios em sala de aula. Assim, o Ensino Médio foi marcado por momentos de tensões, provocações e novos achados.

Conheci e convivi, nesse trajeto, com um professor de História que provocava, com o seu jeito de ser e fazer, a minha sede de aprender. Ele foi um grande incentivador que me impulsionou a optar pela graduação em História. A prática educativa do professor Osvaldo Matos, crítica e irônica sobre os fatos históricos e acontecimentos da realidade, muito me inspirou a seguir a carreira do magistério e, sobretudo, a me tornar, também, professora de História. Parecia que o professor pensava em direção ao que assinala Sanfelice (MORAIS, 1988, p. 93):

[...]a Sala de Aula, aquele espaço prioritário do meu trabalho docente, não é um casulo hermético desvinculado do todo social e das suas contradições. A sala de aula para mim, portanto, é meu desafio cotidiano porque ao mascaramento desejado, viso contribuir o desmascaramento possível; à reprodução exigida, oponho a fermentação já em desenvolvimento histórico e à ideologia hegemônica contraponho a visão de mundo que me parece interessar à maioria dos homens [...] Como todo e qualquer docente sou também um agente social e minha maneira imediata de intervir no real é construindo o pedagógico concreto da sala de aula onde atuo.

Essas reflexões esboçadas neste estudo me fizeram descrever, sinteticamente, o início de minha escolaridade, meu processo de aprendizagem no espaço de sala de aula. Sugerindo este espaço como ambiente vivo onde se manifestam as relações, as perspectivas individuais e coletivas, as emoções, as discussões e debates, fazendo-me enxergar a sala de aula como possibilidades de eventos contínuos e permanentes, que se renovam em sua temporalidade, como bem diz Zuben (MORAIS, 1988, p. 124):

O tema, “sala de aula” é antiquíssimo e literalmente “quadrado”. Pouco importa o conceito, a palavra, a forma ou a geometria da instituição. Busco o “evento”, quero *pensá-lo* naquilo que ele sugere, esconde, dissimula; a que horizontes indica. O evento enquanto tal evoca e provoca. É notado, senão não seria evento.

O referido autor ressalta também que é preciso “pensar o evento”, no caso a sala de aula, tentando uma aproximação na perspectiva ampla do existir de cada sujeito humano, explorando sua teia de relação, extraindo proveito plural das experiências ali construídas.

É certo que o caminho do aprender é sempre inacabado: ao passo que aprendemos, novas possibilidades de conhecimento surgem e a busca de querer saber se torna cada vez mais intensa, pois, como revela Zuben (MORAIS, 1988, p. 126): “O cenário do espaço dinâmico do sujeito humano é um horizonte de possíveis, antes de ser um horizonte de realidades. É por isso que toda a busca é essencial em todo empreendimento humano”. Nessa direção, a sala de aula é “espaço revolucionário, espaço plural de liberdade e de diálogo com o mundo e com os outros” (ibidem, p.127), gerando possibilidades de múltiplos saberes.

Obviamente, a trajetória pelo conhecimento parece coerente diante da forte procura pelo novo, a fim saciar nossas curiosidades despertadas pelo desejo de conhecer; de ir ao encontro aos desafios que a vida humana oportuniza, numa perspectiva de transformação contínua do ser e do fazer ante a existência humana. Nesse sentido, Reboul (1989, p. 19 e 25 apud HANNOUN, 1998, p.172) assinala:

A educação, em todos os domínios, desde o nascimento até o último dia, é aprendizagem humana... Em todos os casos, aprendemos a tornar-nos homens [...] Nunca acabamos de tornar-nos homens, e o acesso à cultura

humana está adquirida: não há diploma de humanidade que ponha fim à educação.

Enfim, as aprendizagens apreendidas no processo do Ensino Básico e os exemplos dos mestres por quem passei evocaram, fundamentalmente, o desejo de continuar exercitando o conhecimento, que nunca se encerra quando se opta por permanecer na busca do aprender.

## Referências

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos Maus Alunos**. Campinas, Papirus, SP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HANNOUN, Hubert. Educação: **certezas e apostas**. São Paulo EDUNESP, 1998.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAIS, Regis de (Org.). **A Sala de Aula: que espaço é esse?** 3. ed. Campinas, Papirus, 1988.

## Elma Nunes de Mélo

Doutora em Educação pela UFPB, mestre em Educação pela UFPB, especialista em História de Pernambuco pela UFPE, graduada em Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Formação de Professores de Goiana. Funcionária da rede municipal de Itambé – PE, atua na gestão e docência na EJA; atua na rede estadual de Pernambuco. Formadora do Programa Paulo Freire, GRE-Mata Norte-PE e Programa Brasil Alfabetizado. Docente do ensino superior, atuando, principalmente, com as seguintes temáticas: Prática Educativa, Formação de Professores, Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos e Inteligência Popular. O artigo “Aprender, uma busca permanente” faz alusão aos primeiros anos de escolaridade, mais especificamente do período em que terminou o Ensino Básico, entre os anos de 1973 e 1985.

E-mail: [elmanunesmelo@yahoo.com.br](mailto:elmanunesmelo@yahoo.com.br)

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016